

O desenho expandido e inclusivo: aspectos lúdicos e sensíveis

FRANCINE ALDRIGHI AVILA¹; RAFAEL SANTOS DA ROSA²;
NADIA DA CRUZ SENNA³

¹UFPEL – fran_aldrighi@hotmail.com

²UFPEL – rafaelsantosdarosa948@gmail.com

³UFPEL – alecrins@uol.com.br (orientadora)

1. INTRODUÇÃO

O relato contempla a continuidade de ações do projeto de extensão **Experienciado o Desenho**, em demanda continua desde sua implantação em 2010. O projeto integra o conjunto de atividades do programa extencionista **Arte Inclusão e Cidadania**, voltado à formação de alunos e professores da região geoeducacional de Pelotas. O programa segue uma linha conceitual que compreende o papel transformador da arte, capaz de ativar o potencial criativo, perceptivo e reflexivo dos sujeitos, com o intuito de atravessar fronteiras, ganhar dimensionalidades sensíveis e garantir o acesso de todos aos bens artísticos e culturais.

No segundo semestre de 2015 investimos na parceria com a Escola Especial Prof. Alfredo Dub, situada na zona norte de Pelotas, local onde estão sendo realizadas oficinas de artes para turmas mistas de alunos com diferentes graus de audição. Os sentidos do corpo, a gestualidade e a ludicidade foram os parâmetros fundantes para o planejamento das atividades. Nossos objetivos visam promover e valorar o processo comunicativo e expressivo do grupo; envolver indivíduos com diferentes estágios cognitivos na ação; propor o trabalho colaborativo e coletivo como estratégia para as dinâmicas ativadoras da percepção de si e do mundo.

Seguimos uma metodologia interativa, detectando interesses e necessidades, sem perder de vista o caráter prazeroso e afetivo do processo. Nessa perspectiva promovemos experiências estéticas e cognitivas centradas no desenho corporal, com ênfase na expressividade das mãos, destacando a linguagem universal dos gestos e a linguagem brasileira de sinais (LIBRAS).

Selecionamos como autores referenciais: Lucy Silva e Regina Mara Conrado pela reflexão em torno da educação inclusiva; Duarte Jr e Marli Meira pelas considerações pedagógicas baseadas no afeto. Sobre o desenho e as diversas maneiras de representação de si e do outro, nos apoiamos em vários arte-educadores, tais como, Miriam Celeste Martins, Rosa Iavelberg e Edith Derdyk.

O desenho da criança é revelador e pessoal, percebemos emoções e afetividades, bem como o nível de maturidade, desenvolvimento motor e cognitivo da criança. Através do desenho a criança estabelece uma interação com o mundo e consigo mesma; se inicia no universo das artes, reconhecendo e dando a ver representações e formas, experimentando materiais e técnicas. O processo envolve a totalidade do corpo se constituindo como uma linguagem com características próprias, que denota marcas individuais e culturais em sua fatura. A oficina centrada no desenho do corpo, representa ainda, uma oportunidade para desenvolver a autoestima, propagar a união, a cultura da paz e do respeito às diferenças.

2. METODOLOGIA

Apoiados em metodologias orientadas pelo afeto, diálogo e construção coletiva do saber, buscamos unir teoria e prática em torno da comunicação e expressão de grupos especiais, as experimentações buscam reativar ligações com a cultura universal e com as realidades sociais. Conforme as atividades programadas elencamos materiais e métodos diferenciados, adequados às metas e as condicionantes existentes.

No primeiro encontro de trabalho com o grupo de crianças investimos na visualidade e na gestualidade para estabelecer um diálogo, embora contássemos com interprete e doisicineiros com conhecimento da linguagem de sinais. Partimos de uma exibição de slides, contendo a temática, proposta de atividades e materiais a serem utilizados. O recurso visual contribui para explicitar as intenções do grupo mediador e facilitar a compreensão dos alunos.

A oficina de desenho se concentrou nas mãos como linguagem; exploramos projeções, representações em exercícios de luz e sombra, noções de perto/longe, grande/pequeno, fantasia e imaginação.

Em outro momento, propomos brincadeiras com a linguagem universal das expressões fisionômicas e posturais, jogos de identificação de sentimentos, imagens projetadas, silhuetas de rostos e corpos.

Na sequência propomos a construção do autorretrato como mensagem de afeto para o mundo. O exercício se pauta na produção e reflexões desenvolvidas junto ao Ateliê de Desenho de Figura Humana do Centro de Artes da UFPel, sob responsabilidade da professora Nádia da Cruz Senna. A proposta articula identidade e imaginário, investindo na complexidade de papéis assumidos pelos sujeitos contemporâneos, no questionamento das imagens que a cultura midiática põe em circulação, nas encenações e construções de si, flertando com a arte e a cultura em âmbito ampliado. A prática com o grupo de crianças e adolescentes da escola buscou introduzir novos modos de ver e de dar-se a ver, procurando compreender diversidades segundo uma postura assertiva e afetiva.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente destacamos a acolhida da instituição, que foi sensível a proposta, disponibilizando recursos físicos e envolvendo toda a comunidade, transformando a oficina de artes em um evento na escola. Contamos com a participação de alunos de várias séries do ensino fundamental, que aderiram às atividades. Notamos o encantamento com os resultados alcançados, percebemos o quanto o grupo foi capaz de explorar as potencialidades oferecidas pelos equipamentos projetivos e pelos simples materiais de trabalho. Algumas propostas foram recriadas em função das descobertas realizadas pelo grupo (Figura 1 e 2).

Apesar de não termos o domínio da língua de sinais conseguimos ser compreendidos e compreender, estabelecendo a interlocução e a troca de saberes. A oportunidade possibilitou o engrandecimento na formação de todos os envolvidos. Esses primeiros resultados excederam as expectativas de modo geral, motivando novos encontros e propostas de ações mais intensivas junto à comunidade. Recebemos o convite da instituição para realizar uma exposição com os autorretratos de todos, por ocasião do aniversário da escola.



Figura 1. Brincando com projeções.

Figura 2. Desenho do autorretrato.

4. CONCLUSÕES

A universidade ao responder aos desafios impostos pelas dinâmicas contemporâneas exerce seu compromisso social, o que pressupõe correr riscos, se aventurar por espaços informais, conhecer realidades diferenciadas e se propor a aprender e testar estratégias com vistas a uma formação plena dos indivíduos.

Atuar em prol de uma educação inclusiva implica romper fronteiras de discriminações e desigualdade de oportunidades, comporta uma abertura para o diferente em todos os aspectos implicados, seja em termos de inovações pedagógicas, consciência política, acolhimento do outro e reconhecimento de nossas próprias diferenças.

A experiência proporcionou uma compreensão de nosso papel como educadores e cidadãos. O desafio permanece, pois cada encontro possibilita descobertas a favor do processo educativo como um todo. Apoiados na capacidade da arte para despertar novos valores e promover a expressividade dos sujeitos, o projeto de extensão terá sua continuidade, ganhando outros dimensionamentos conforme as demandas da instituição parceira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE JR, João-F. O sentido dos sentidos: educação sensível. Curitiba: Criar Edições Ltd, 2010.

MEIRA, MR. Arte, afeto e educação: a sensibilidade em seus estudos. Marly Silvia Ribeiro Duarte Meira e vender Pillotto. Porto Alegre: Mediação, 2010

IABELBERG. Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Atmed, 2003.

MARTINS, MC. Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, desfrutar e aprender sobre a arte. MARTINS, M. C. PICOSQUE, G; GUERRA, M.T.T. São Paulo, FTD, 1998.

SILVA, Lucy. CONRADO, Regina Mara. Experiências e dinâmicas de inclusão: um olhar comprometido e afetivo. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho; desenvolvimento do grafismo infantil. Porto Alegre – RS. Zouk Editora, 2015.